

COVID-19 NAS FAVELAS CARIOCAS: A resistência decolonial das mulheres de Rio das Pedras no enfrentamento da pandemia.

COVID-19 IN THE RIO FAVELAS: The decolonial resistance of the women of Rio das Pedras in facing the pandemic.

Márcia Bastos de Araujo¹
PUC

Resumo

Este artigo objetiva evidenciar as práticas cotidianas das mulheres no enfrentamento das consequências geradas pela pandemia em Rio das Pedras, uma favela localizada na zona oeste do Rio de Janeiro. Buscou-se analisar tais práticas sob a perspectiva feminista decolonial, visibilizando as resistências políticas traduzidas pela auto-organização na luta pela vida favelada. Se em tempos de “normalidade” as mulheres faveladas tem ocupado a centralidade em diversas mobilizações políticas, como no caso da luta contra a remoção no contexto dos megaeventos, o cenário de crise sanitária também tem apontado para a resistência feminina de sociabilidade cotidiana como estratégia de sobrevivência. Elencar esses ditames sociais sob a perspectiva das mulheres de Rio de Pedras corresponde à convocação proposta pela resistência decolonial que nos convida a mapear os silêncios e as aspirações que a narrativa dominante não permite pronunciar.

Palavras chaves: Mulheres. Favela. Resistência decolonial. Covid-19.

Abstract

This article aims to highlight the daily practices of women in coping with the consequences generated by the pandemic at Rio das Pedras, a slum located in the west of Rio de Janeiro. We tried to analyze such practices from a decolonial feminist perspective, making visible the decolonial political resistances translated by self-organization in the struggle for

¹ Email: mba.bastos@hotmail.com

favela's life. If in times of "normality", favela women have been at the center of lot political mobilizations, as in the case of the fight against removal of slums in the context of mega-events, the health crisis scenario has also pointed to a female resistance of daily sociability as a strategy of survival. To list these social dictates from the perspective of the women of Rio de Pedras corresponds to the convocation proposed by the decolonial resistance that invites us to map the silences and aspirations that the dominant narrative does not allow to pronounce.

Keywords: Women. Favela. Decolonial resistance. Covid-19.

Introdução

Em meio à pandemia da Covid-19, as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) são objetivas (higiene pessoal e isolamento social), destinadas às centenas de milhões de pessoas em todo mundo. Como consequência, as economias de mais de 190 países assumiram o compromisso de frear as ameaças de recessão, e em alguns casos de garantir para a população políticas públicas emergenciais de transferência de renda. No Brasil, a polarização que comprometeu o debate racional da última eleição presidencial, em 2018, permanece ativa e com forte poder de circulação na política brasileira, comprometendo desta maneira, as medidas de proteção econômica à classe trabalhadora e pobre do país, necessárias para a manutenção do isolamento social e principalmente de preservação da vida.

A ala neoliberal do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), juntamente com sua base de apoio, coaduna com o falso dilema entre a preservação da vida e a saúde econômica desde o aparecimento dos primeiros infectados no Brasil. Claudia Viscardi² em entrevista concedida ao portal de notícias da Universidade Federal de Juiz de Fora, considera essa disputa como um falso dilema, na medida em que a preservação da vida e do equilíbrio econômico é uma demanda coletiva, e destaca que olhar para a história do mundo é importante, para entender que essas questões podem ser resolvidas de maneira concomitante. A correspondente lógica neoliberal presente no trato tímido do Governo Federal à pandemia, elucida a característica

²<https://www2.ufjf.br/noticias/2020/03/27/polarizacao-cria-falso-dilema-entre-saude-economica-e-preservacao-da-vida/>. Acessado em Abril de 2020.

explicada por Harvey (2014), de que a neoliberalismo mobiliza sensações, instintos, valores e desejos coletivos, em consonância com a intencionalidade do capital, revelando, portanto, o obscurantismo presente nesse falso dilema.

Essa ideia dicotômica representa uma disputa de narrativas políticas e de poder. Enquanto o presidente tem insistido no discurso negacionista da pandemia, colecionando episódios controversos como o exemplo da sua defesa a quarentena vertical³, os governadores, como por exemplo, João Dória (PSDB) em São Paulo e Wilson Witzel (PSC) no Rio de Janeiro ofereceram respostas no início da pandemia no Brasil, em consonância com as recomendações da OMS, (coerência esperada de todos os governantes) aproveitando em certa medida este enfrentamento para os próximos cenários eleitorais.

Nesse emaranhado de disputas o que predomina é a falta de coalizão entre as instâncias de governo⁴, para responder as demandas populares geradas no atual contexto de crise sanitária. Especialmente as ações de proteção social e econômicas são irrisórias e inadequadas, sendo tal condição facilmente percebida na desesperança geral da população. Na fase de elaboração deste artigo foi possível acompanhar o descompasso inicial das ações governamentais na vida da população, como no caso dos que seguem aguardando a liberação do auxílio emergencial,⁵ de outros tantos que se arriscam em filas intermináveis em agências bancárias e postos da Receita Federal na busca de respostas⁶. Além disso, também vale pontuar a precarização na organização e efetivação do cadastro de solicitação do cartão alimentação, vinculado ao Programa Cartão Cesta Básica⁷ disponibilizado

³ Isolamento apenas dos mais vulneráveis. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52043112>. Acessado em Abril de 2020.

⁴ No atual contexto de elaboração deste artigo, já haviam explodido as suspeitas de corrupção do governador do Rio de Janeiro. Além de novos episódios de investigação do possível envolvimento da família Bolsonaro com a milícia no Rio de Janeiro.

⁵ O Auxílio Emergencial é um benefício financeiro concedido pelo Governo Federal destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados, e tem por objetivo fornecer proteção emergencial no período de enfrentamento à crise causada pela pandemia do Coronavírus - COVID 19. <http://www.caixa.gov.br/auxilio/PAGINAS/DEFAULT2.ASPX>. Acessado em Abril de 2020.

⁶ “Debaixo de chuva, pessoas passaram a madrugada em mais um dia de filas nas agências da Receita Federal para regularizar o CPF e conseguirem acesso ao auxílio emergencial de R\$ 600 do governo federal.” <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/16/contribuintes-voltam-a-passar-a-madrugada-em-filas-para-regularizar-cpf-e-receber-auxilio-emergencial.ghtml>. Acessado em Abril de 2020.

⁷ A prefeitura do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal de Educação começou, a entrega dos Cartões Cesta Básica às famílias de alunos da rede de ensino cadastradas no bolsa família, e no cartão carioca. No entanto, muitas famílias reclamam de problemas para fazer o cadastro para recebimento do vale de R\$ 100,00. Os responsáveis explicam que o link de acesso apresenta

pelo Município (RJ), assim como, a distribuição focalizada das cestas básicas⁸ realizadas pelo Estado (RJ), vinculado ao Programa Multidão Solidário.

Em reação a tantas incertezas e instabilidades políticas, mobilizações políticas também definidas como redes solidárias, tem se formado em torno do agenciamento político das mulheres nas favelas cariocas, que são locais com problemas, como tantos outros na cidade.

Considerando essa realidade, este artigo objetiva evidenciar as práticas cotidianas das mulheres faveladas moradoras de Rio das Pedras reconhecidas aqui como **resistências políticas decoloniais** traduzidas pela auto-organização na luta pela vida favelada em tempos pandêmicos, com base na perspectiva feminista decolonial. Além de categorias analíticas, a intencionalidade apresentada é consubstanciada pelo interesse de visibilizar, assim como Lugones (2014) defende “realidades vividas” de mulheres moradoras da favela de Rio das Pedras, localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, entre Jacarepaguá e o Itanhangá, onde possui relação cotidiana e familiar (por ser moradora da região) e compromisso na busca de alternativas de enfrentamento à crise sanitária que se apresenta. Esse lugar epistemológico representa, de acordo com Curiel (2020), práticas coletivas, nas quais muitas de nós participam e que conformam um dos principais pilares do feminismo decolonial - questão que desenvolverei mais adiante.

Em meio aos afetos, resistência, escuta e vivência nesse processo artesanal de mobilização construído por muitas mãos, e imponentes vozes é possível delinear metodologicamente que o caminho para elaboração deste artigo além da sistematização bibliográfica científica, análise de publicações de documentos oficiais, acervo de produções jornalísticas textuais, audiovisuais, baseia-se empiricamente na observação participante entre os meses de março a junho de 2020 e na realização de entrevistas com três mulheres que atuam em projetos sociais distintos. Cabe dizer também, que algumas das problematizações aqui

instabilidade, e dificuldade na conclusão da operação. <http://prefeitura.rio/educacao/nota/>. Acessado em Abril de 2020. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/14/pais-relatam-dificuldades-no-cadastro-do-auxilio-alimentacao-da-prefeitura-do-rio.ghtml>. Acessado em Abril de 2020.

⁸ O programa, chamado Mutirão Solidário, usará dados do Cadastro Único para programas sociais do Governo Federal e atenderá locais com menor índice de Desenvolvimento Humano nas cidades da Baixada Fluminense, São Gonçalo, Itaboraí e Rio de Janeiro. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/governo-do-rio-comecara-distribuir-cestas-basicas-nesta-semana>. Acessado em Abril de 2020.

apresentadas derivam dos resultados da pesquisa de campo empreendida para elaboração da dissertação de mestrado ao longo de dois anos,⁹ com o acompanhamento da mobilização política contra as remoções de favelas e com a realização de entrevistas com mulheres diretamente implicadas nessas mobilizações.

No item de abertura relacionado ao aporte teórico deste artigo, apresento algumas considerações sobre o panorama das favelas cariocas no contexto da Covid-19. Em seguida, explico a importância de localizar a mulher nesse debate, a partir do feminismo decolonial como forma de enfrentar a raiz da invisibilidade da resistência política feminina na cidade, em especial no contexto da atual crise. Por fim, foram apresentadas as práticas cotidianas (resistências decoloniais) na luta pela preservação da vida favelada em relação à consequência da pandemia na realidade da população moradora de favela, incidindo na particularidade de Rio das Pedras.

As favelas cariocas em tempos de pandemia.

De acordo com Salvador, Gonçalves e Bastos (2020) *a pandemia trouxe à tona realidades invisibilizadas pela nossa hipocrisia habitual*. O contexto proveniente da medida de isolamento social apresentou para a realidade cotidiana da favela desafios em muitas dimensões. Afinal, como lidar com a precarização do acesso a água, ao trabalho, saúde, saneamento básico, moradia, segurança entre outros? Como acessar informação de qualidade em meio a tanta desinformação promovida pelo próprio governo federal? Diante de tais questionamentos, da morosidade dos entes federativos, e em certo modo da romantização da quarentena por parte das classes médias e altas, é que as populações faveladas veem empreendendo ações para construir saídas diante da conjuntura instaurada pelo novo Coronavírus.

⁹ Essa pesquisa foi realizada no contexto da realização de mestrado pela autora, no programa de pós-graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Foram realizadas seis entrevistas abertas e semiestruturadas entre os meses de dezembro de 2017 a junho de 2019.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE¹⁰ disponibilizou uma amostra preliminar no mês de maio do ano vigente, objetivando corresponder à demanda de enfrentamento a pandemia da Covid-19, sobre o quantitativo de domicílios em favelas no Brasil. Definido como classificação preliminar, a pesquisa apresentou o total de 5,12 milhões de domicílios em favelas, ou em áreas análogas. Além da amostra quantitativa, este resultado indicou, ainda, que nessas áreas residem em geral populações com condições socioeconômicas, de saneamento e de moradias mais precárias. E sinaliza como agravante, ao que definem como *aglomerados subnormais*, a densidade de edificações e a densidade domiciliar como facilitador para a propagação do novo Coronavírus.

Considerando a expressividade desses dados, é necessário compreender a expansão do novo Coronavírus nas favelas como um indicativo indispensável para a formulação de políticas eficazes no cenário de calamidade pública. Nessa direção o painel de monitoramento elaborado pelo jornal Voz das Comunidades¹¹ aponta em seu levantamento atualizado em Junho, o número de 2060 de pessoas infectadas nas favelas cariocas. Já em outra pesquisa realizada pela Prefeitura do Rio de Janeiro com a colaboração do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE com o objetivo de identificar a incidência e letalidade do novo Coronavírus foram analisados 3.210 testes rápidos realizados com moradores de seis regiões do município. Entre as regiões, quatro favelas foram contempladas pela pesquisa (Rocinha, Maré, Cidade de Deus e Rio das Pedras). Os resultados da primeira fase¹² da pesquisa demonstraram que o maior percentual de casos positivos nas seis regiões se deu em primeiro lugar na favela Cidade de Deus com 28%, e em segundo lugar na favela Rio das Pedras com 25%. Quanto à letalidade (número de mortos em relação ao total de infectados), o índice de Rio das Pedras foi de 0,2 % e na Cidade de Deus foi de 0,4% não representando os maiores índices

¹⁰<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?edicao=27720&t=sobre>. Acessado em Jun/2020.

¹¹ <https://painel.vozdascomunidades.com.br/>. Os dados foram baseados nos casos confirmados de 13 favelas da zona norte, 8 favelas da zona sul, 5 favelas da zona oeste e 1 favela na região central. Acessado em Junho/2020.

¹² O estudo foi realizado por equipes da Subsecretaria de Promoção, Atenção Primária e Vigilância de Saúde e da Subsecretaria de Vigilância Sanitária e Controle de Zoonoses, órgãos vinculados à Secretaria de Saúde do município. Na segunda fase, a Prefeitura do Rio vai acompanhar a velocidade de expansão do número de contaminados. <https://riocontraocorona.rio/noticias/prefeitura-divulga-resultado-da-primeira-etapa-de-pesquisa-sobre-covid-19-em-comunidades-cariocas/>. Acessado em Junho/2020.

de letalidade entre os que foram analisados das outras regiões. Em todo caso, faz-se necessário considerar, como afirmam pesquisadores e instituições dedicadas aos estudos epidemiológicos, à imensa subnotificação dos casos, e a falta de testes. Essa condição na verdade representa que os casos apontados nas pesquisas, devem ser ainda maiores.

Neste ponto, o que é essencialmente importante no referido debate, antes de tudo, é que a favela como tal não é um problema a ser resolvido. No entanto, suas particularidades estruturais, geográficas e sociais, que são históricas, podem potencializar a disseminação da Covid-19, incidindo em grandes desafios para os moradores. Por isso, a necessidade de mobilizações internas que atendam as demandas invisibilizadas, ou não incorporadas funcionalmente pelo Estado.

Historicamente a consolidação das favelas na cidade se estruturou, por meio das ações das pessoas, como respostas, possibilidades e alternativas de morar na cidade e acessar as vantagens delas (BARBOSA, 2013). Sendo assim, há de se considerar que a resistência como prática política dos moradores representa um conhecimento apurado, e refinado adquirido ao longo de muito tempo em torno da experiência de mobilização coletiva. Como afirma Gonçalves e Amoroso, (2012), a mobilização política no interior das favelas é tão antiga, quanto às próprias favelas.

Conforme demarcado historicamente, as mobilizações empreendidas pelos moradores na atual conjuntura seguem se estabelecendo como resposta para as demandas locais. Grande parte das favelas no Rio de Janeiro, comportando suas especificidades, estabeleceram ações variadas para o enfrentamento das consequências da pandemia. No geral, as ações estiveram voltadas para campanhas de arrecadação de recursos, iniciativas de comunicação comunitária (faixas, cartazes, carros de som), mapeamento de pessoas infectadas e alternativas de isolamento, distribuição de kits de higiene, roupas e cestas básicas, instalação de pontos de água e de higienização, elaboração de painéis de controle autônomos para o enfrentamento das subnotificações, entre outros.

Para além desses elementos, a mobilização coletiva no interior das favelas cariocas tem conciliado a luta pela sobrevivência no contexto da pandemia, as demais pautas que continuam se sobrepondo a validação dos direitos na favela, como o exemplo, das operações policiais contínuas, mortes de crianças e adolescentes e o fantasma da remoção que segue ameaçando famílias, com base no

discurso ambiental e de revitalização, como forma de mascarar as violações por trás dos interesses do empresariamento urbano¹³

Objetivando visibilizar e apoiar tais ações, o instituto Marielle Franco elaborou o mapa corona nas periferias e favelas¹⁴, sendo possível encontrar diversas iniciativas nas favelas do Rio de Janeiro de combate a pandemia, e tantas outras em todo Brasil. Entre as pioneiras do Rio de Janeiro, destaca-se o trabalho realizado pela Frente de Mobilização da Maré criada no início da determinação oficial de isolamento social em março; a Campanha Rocinha Resiste, Juntos pelo Complexo do Alemão e as ações organizadas pelos moradores de Rio das Pedras. Estabelecendo parcerias, redes e associativismo, lideranças comunitárias, e outros, que poderíamos destacar assim como Collins (2019) de “pessoas comuns”, ou seja, não necessariamente ativistas ou lideranças comunitárias, assumiram a linha de frente, por sobrevivência e por manutenção de direitos. Nesse caso, especialmente direito a vida, e à cidade que ambiciona como contra ponto ao urbanismo funcional acessar todos os elementos que compõem a sociabilidade vital para todos que nela vivem inclusive os moradores de favelas. Trata-se de ações recorrentes que demonstram o potencial desses espaços, também observadas por Salvador, Gonçalves e Bastos (2020);

As iniciativas nas favelas assumiram responsabilidades diversas, tanto no âmbito da saúde como no da assistência, e permitiram uma resposta mais contextualizada à pandemia. Isso demonstra a enorme capacidade e potencial das favelas e seus moradores, destoando, mais uma vez, das recorrentes representações negativas associadas a esses espaços. (SALVADOR; GONÇALVES; BASTOS, 2020, p.154).

Nesse bojo encontra-se Rio das Pedras que assim como grande parte das favelas, cresceu como resultado de determinantes projetos de construção, urbanização, e expansão de uma área específica da cidade. Localizada na zona oeste da cidade, a favela se consolidou com maior expressividade na década de 1970, e até hoje abriga muitos migrantes nordestinos que acessam historicamente a região como alternativa de moradia mais próxima de seus locais de trabalho. Além

¹³ Sobre empresariamento urbano ver Harvey (1996).

¹⁴ <https://www.institutomariellefranco.org/mapacoronanasperiferias>. Acessado em Maio/2020.

disso, é conhecida também pela forte presença da milícia, que exerce um rígido controle local com grande impacto no cotidiano dos moradores.¹⁵

É observado que as práticas associativas são fortemente impactadas e silenciadas em favelas controladas pela milícia, em função da atmosfera clientelista¹⁶ que mobiliza muitos interesses nesses espaços. Apesar dessa hipótese não ser aprofundada nesta pesquisa, foi possível constatar que as ações das mulheres de Rio das Pedras empreendidas no contexto da pandemia a partir de relações sociais distintas, ressignificam e complexificam em certa medida a prática associativa (mesmo em um contexto vigiado e controlado) ao mobilizarem diversidade política ideológica¹⁷, a partir do cruzamento entre a própria noção de política, com a noção de solidariedade, cuidado, e coletividade, mas sem deixar de lado a organização intencional de suas ações.

O feminismo decolonial e a resistência das mulheres faveladas.

O esteio das mulheres nas favelas cariocas está há muito tempo protagonizando ações políticas que visam garantias de direitos, e também sobrevivência no espaço urbano¹⁸. Essa realidade como parte dos demais processos sociais que compõem o Sul global, tem sido popularmente sistematizada na área das ciências sociais através do conceito de Direito à Cidade, cunhado na década de

¹⁵ As milícias começam a se constituir no Rio de Janeiro ainda nos anos 1980 justamente na favela de Rio das Pedras e se expande por toda a cidade a partir dos anos 2000. Elas, inicialmente, se organizam para expulsar o tráfico de drogas das favelas e passam a taxar diferentes atividades no local (transporte alternativo, venda de gás, comércio em geral...) e/ou controlam diretamente certas atividades, como, por exemplo, o mercado imobiliário (Benmergui e Gonçalves, 2019). Apesar dos recorrentes conflitos entre milícia e narcotraficantes, já há indícios, em algumas favelas, de alianças de grupos milicianos com facções de venda de drogas. Outro ponto importante é a relação das milícias com o poder legislativo. Esse argumento é defendido com veemência pelo Sociólogo José Claudio Souza Alves, que estuda o assunto há 26 anos. Para ele, a milícia não é um poder paralelo, mas o próprio Estado, e sem essa conexão direta não haveria milícia na atuação que ela tem hoje. <https://apublica.org/2019/01/no-rio-de-janeiro-a-milicia-nao-e-um-poder-paralelo-e-o-estado/> Acessado em abril/2020.

¹⁶ Sobre Clientelismo ver Graham, R. (1997).

¹⁷ Ao longo do processo de investigação anterior a elaboração deste artigo, precisamente no contexto da elaboração da dissertação de mestrado, foi possível observar o fato de que as trajetórias das mulheres de Rio das Pedras possuem uma grande variação. Essa ponderação permite considerar inclusive no contexto atual de crise sanitária, que as subjetividades políticas são por vezes contraditórias, nos termos ideológicos.

¹⁸ Como exemplo temporal, é possível destacar a atuação das Uniãoes Femininas na década de 40. De acordo com Coelho (1996), a formação das Uniãoes Femininas possibilitou a construção de uma identidade política para as mulheres, e isso incluiu ao cenário de lutas por direitos, tópicos inerentes ao cotidiano da mulher, expandindo, por sua vez, uma cultura de politização feminina.

1960 por Henri Lefebvre no contexto da Revolução Industrial. Sem dúvidas, a cidade é parte fundamental das exigências capitalistas, e, portanto, em harmonia como a análise de Lefebvre (2001), não se pode constringer a evidência de um projeto político - ideológico neoliberal¹⁹ como cerne do encolhimento de direitos e banalização das desigualdades sociais em especial nas periferias e favelas da América Latina.

Nesse contexto, o Direito à Cidade enquanto conceito ecoado fortemente na luta das favelas ambiciona a recuperação da dimensão social da vida urbana apoiada no modo de vida, no imaginário coletivo, na memória, no espontâneo, se opondo a lógica mercantilista de imposição de um padrão de cidade que ordena e limita a vida das pessoas. Para Harvey (2014) a definição mais contextualizada sobre o assunto não se limita ao direito de acesso individual ou coletivo aos recursos que a cidade incorpora, inclui também, o direito de mudar e reinventar a cidade, de acordo com lógicas próprias caracterizadas pelas respostas que são oferecidas às necessidades postas na vida, por um sistema que combina múltiplas desigualdades no âmbito econômico, cultural, e social.

Apesar dessas breves notas essenciais ao debate sobre as relações sociais das mulheres nas favelas cariocas, a alternativa epistemológica aqui adotada, busca descentralizar a hegemonia em torno da perspectiva neoliberal que tem sido veementemente utilizada nesse tipo de análise. Remetendo as dinâmicas herdadas pela modernidade colonial identifica-se o efeito sob as relações de poder baseadas na "raça" e no "gênero" que permeiam o urbano. Esta estruturação tem necessariamente um forte impacto na luta das mulheres nas favelas cariocas.

De acordo com Vergès (2020) o capitalismo, racismo, sexismo e imperialismo são companheiros de estrada. O que faz dos processos de opressão e desigualdade uma elaboração complexa, não linear, e não dissociável da estrutura colonizadora e capitalista. Uma racionalidade patriarcal que resulta na invisibilização das mulheres brancas, e na desumanização das mulheres racializadas²⁰. Por este

¹⁹ Ver Maricato (2014).

²⁰ Conforme explicitado por Vergès (2020), o termo racialização em sua análise abarca as marcas sociais diacríticas como cor, costumes, religião, língua e outro distintivo que as impeça de adentrar a seleta e exclusiva sociedade ocidental. Não é reduzido às pessoas negras, tal como ocorre nas Américas e no Brasil. Já Nogueira (2007), destaca que o processo de racialização colonial no Brasil foi fortemente influenciado pela aparência física, sendo denominado de preconceito de marca. Nesta lógica, o parentesco e ascendência não são determinantes no processo de racialização, pois as

motivo, o Feminismo Decolonial se insere como opção epistemológica e política na direção de visibilizar os problemas gerados pelas relações coloniais até os dias atuais. Tal condição permite entender, por exemplo, que até mesmo uma pandemia ilumina as diferenças de classe, raça e gênero na modernidade colonial e globalizada.

No esforço de discorrer este aporte teórico, vale acionar objetivamente os significados de alguns termos e sua importância para o debate do Feminismo Decolonial nesta análise. Tomando como base as definições de Torres (2018), vemos que o colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; já o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo. O termo colonialidade para o autor é referenciado pela lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. A “descoberta” do Novo Mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns eventos-chaves que serviram como fundamentação para o aprofundamento do conceito colonialidade. Desse modo, a descolonização é lida como experiência de resistência em momentos históricos, onde sujeitos em situação colonial insurgiram contra impérios e reivindicaram a independência. Já a decolonialidade refere-se à luta que travamos até hoje, contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos.

O projeto decolonial assim chamado por Curiel (2020) ou grupo modernidade/colonialidade como também é conhecido, é consolidado inicialmente por intelectuais e ativistas latino-americanos no final dos anos 1990, propondo a radicalização do argumento pós-colonial²¹ no continente por meio da noção de “giro decolonial”. Já o Feminismo Decolonial proposto por Lugones, (2014) toma como base o referido projeto decolonial, a partir do conceito de colonialidade de poder idealizado por Quijano (2005). O referido conceito refere-se precisamente às relações de exploração/dominação/conflito em torno da disputa pelo controle e domínio do trabalho, e a forma com que esse domínio adquire na constituição do sistema de poder mundial capitalista através de uma imposição classificatória racial.

peças são classificadas racialmente em razão do fenótipo, ou seja, de sua aparência física como cor de pele e cabelo, por exemplo.

²¹ Ver Curiel (2020).

Ao complexificar essa ideia, Lugones (2014) sinaliza que a raça não determina sozinha a configuração da colonialidade de poder, ela é acompanhada pelo gênero, na medida em que além do processo de mundialização do capitalismo e do padrão de poder, impulsionado pela transformação da América em periferia racializada, a colonialidade de poder e de gênero é ainda, um processo de redução ativa das pessoas, de desumanização legitimada pela ideia de classificação racial, um processo de sujeição e de tentativa de transformar o colonizado em menos que humano. A autora critica também a unilateralidade da imposição das categorias binárias na América Latina (masculino/feminino, colonizado/colonizado, branco/não branco, etc.), e expressa que a "mulher colonizada" não existe, pois não corresponde a nenhuma destas categorias: a mulher colonizada não é uma mulher (pois não corresponde ao modelo dominante de mulher branca) nem simplesmente colonizada (pois é atribuída a outra forma de trabalho na divisão sexual²² e racial do trabalho). Nesse ponto a possibilidade de superação da colonialidade de gênero, consiste na prática feminista decolonial.

Há, portanto, um paradoxo entre colonialidade e decolonialidade. Enquanto a modernidade colonial produziu e produz até os dias atuais, desigualdades como legado direto e expressão precisa da colonialidade, a resistência decolonial é a recusa de tal construção, e, portanto, rejeita o silenciamento das complexidades dos indivíduos, dos grupos, dos seus modos de vida e culturas. É a recusa dos desígnios globais de desumanização imposta para reivindicar seu próprio espaço como sujeito político.

Essa recusa e resistência é tensão para Lugones (2014), pois se insere enquanto começo, e possibilidade de acontecer. Traduz-se pelo trânsito entre a influência dos poderes vigentes, para as lógicas comunitárias de rejeição desse mesmo poder, visando à constituição de novos significados e organizações. Corresponde a um movimento que contrapõem a hegemonia e a caracterização unilateral dos sujeitos colonizados como sujeitos oprimidos. Por este motivo, a autora considera a existência de uma opressão parcial em relação a estes, pois coloca em perspectiva que há no cotidiano o acúmulo de conquistas “no caminho da liberdade”.

²² Ver Saffioti (2013).

Pensando na conjuntura pesquisada, é possível afirmar que o agenciamento das mulheres faveladas pelo direito à vida, a saúde, a alimentação, a segurança e a manutenção do confinamento social enquanto condição passível de escolha assim como ocorre com as classes médias e altas, representa a ação de mulheres específicas na cidade em recusa à relativização estrutural de suas demandas, a banalização de suas próprias existências produzidas no contexto constitutivo do silêncio histórico apregoadado pela modernidade colonial. Esse agenciamento contribui para o redimensionamento de papéis e lugares de ausência e de não poder, socialmente construídos. Assim como, desnuda a representação da mulher como sujeito universal. Tal agenciamento das mulheres nas favelas analisado sob a perspectiva decolonial indica a emergência de combater a negação da organização racializada da vida social que se constitui para Vergès (2020), como a engrenagem da dominação e sociabilidade moderna colonial e capitalista.

Essa engrenagem é pavimentada pela colonialidade de gênero, quando são as mulheres faveladas, por exemplo, que estão em grande parte, situadas na divisão sexual do trabalho e da reprodução social entre aqueles que garantem à vida cotidiana dos “elegíveis socialmente” ao confinamento no atual contexto de pandemia. Nesse caso, partir do conceito cunhado pelas feministas marxistas é importante na medida em que a divisão sexual do trabalho, também deve ser explicada a partir de outras relações de poder, uma vez que as opressões de gênero se modificam quando consideramos as interseções de classe e raça.

Como salientado por Saffioti (2013), de fato a alocação do trabalho, inclusive o reprodutivo, fundamentado pelo gênero, assegura a manutenção da acumulação capitalista, através da garantia da reprodução da força de trabalho dos homens. Assim, a divisão sexual do trabalho engendra o patriarcado, e, portanto, as relações de poder conformadas por esse sistema. No entanto, este conceito trabalhado por diversas feministas ao longo do tempo parte de uma perspectiva eurocêntrica, postulando a mulher como sujeito universal, e sustentando a centralidade da opressão de gênero como forma essencial da relação social hierarquizada entre homens e mulheres. Na perspectiva decolonial, a divisão sexual do trabalho representa apenas um dos cruzamentos nas relações modernas de poder.

Posicionar essas experiências distintas, e conseqüentemente situar a mulher, como sujeito político e distinto, significa refutar epistemologias tradicionais e hierarquias socialmente construídas, que reverberam em representações específicas sobre a relação das mulheres na cidade. A cidade é, portanto, o espaço onde as relações sociais e econômicas são tensionadas, e as ordens culturais e sociais questionadas por sujeitos políticos distintos. Sendo assim, todo lugar de sujeição é passível de contestação e de resistência decolonial.

Obviamente que esse lugar de resistência vivenciado pelas mulheres precisa ser problematizado de maneira crítica, para que não seja utilizado como reforço da associação natural de mulheres com o trabalho de cuidado no espaço privado, em oposição ao dos homens com o trabalho remunerado no espaço público. Outro ponto que vale atenção é a confluência perversa moderna em torno do empoderamento feminino que aplaude o acúmulo de funções, e mais que isso, legitima o trabalho incorporado institucionalmente como subqualificado, de baixa remuneração, e de rebaixamento do status social (o que representa melhor a realidade das mulheres faveladas). É de extrema importância se desvencilhar dessa produção histórica patriarcal de formulação da ideia da divisão sexual do trabalho com base no gênero, que se legitima através de uma forma de hierarquia baseada na relação de poder colonial no capitalismo. (KERGOAT, 2000).

Essa construção social normativa em tempos de Covid-19 tem lançado como problemática inclusive, o fato de que de que as mulheres estão em situação de maior risco e vulnerabilidade. Matos (2020) evidencia esse ponto a partir da seguinte formulação;

Sabemos que são elas que, a partir da condição de isolamento social, estão realizando, para além do trabalho remoto, os trabalhos domésticos, estão entretendo as crianças confinadas, estão cuidando da higienização e da alimentação das famílias. Nas comunidades e periferias desse país imenso, são elas que estão nas lideranças das ações de mitigação e de enfrentamento ao avanço da COVID-19, estão se mobilizando e mobilizando suas comunidades para essa guerra, correndo riscos e se colocando ainda mais vulneráveis. Sabemos também que a violência doméstica deve se intensificar no contexto desse confinamento e nessas condições atuais do enfrentamento e precisamos agir agora contra esse fenômeno. (MATOS, 2020 p. 01)

Melo (2020), salienta que nesta crise provocada pelo novo Coronavírus é preciso assegurar que as vozes, necessidades e demandas das mulheres estejam no centro das respostas dos entes federativos e das políticas de atendimento à população. Corrobora que elas são essenciais na luta ao enfrentarem os desafios dos cuidados, na família, no trabalho, como profissionais de saúde, trabalhadoras domésticas, trabalhadoras informais entre outras ocupações. Para a autora a vida das mulheres está sendo profundamente afetada pelo atual contexto. *Na miudeza da vida cotidiana da família e do trabalho, elas serão as mais afetadas pela crise. Mas são ignoradas pelas políticas econômicas sociais do atual governo.* (MELO, 2020, p. 01).

São questões visíveis a todos que queiram enxergar. Ainda, assim para as mulheres moradoras de favelas, há a radicalidade da precarização cotidiana sendo agravada no cortejo devastador da pandemia. Ao constatar a centralidade da resistência das mulheres nesse contexto conclui-se que não cabe a romantização dos fatos, na medida em que a resistência é decolonial, ou seja, mobiliza a afirmação da própria existência como afronta ao destino socialmente imposto pela colonialidade do gênero, e pelo capitalismo.

Se em tempos de “normalidade” as mulheres faveladas tem ocupado a centralidade em diversas mobilizações políticas, como no caso da luta contra a remoção no contexto dos megaeventos²³, o cenário de crise sanitária também tem apontado para um agenciamento feminino de sociabilidade cotidiana como estratégia de sobrevivência. Enquanto faltam diretrizes claras das ações do governo contra a Covid-19, como concluiu o Tribunal de Contas da União - TCU²⁴ no mês de junho, há uma resistência feminina nas favelas cariocas, sobretudo, na favela pesquisada, Rio das Pedras que se ancora na articulação de muitas mulheres em busca da sobrevivência como emergência, bem como, na urgência de mitigar as consequências da pandemia na vida da população favelada exposta as condições severas de desigualdade social. Parte dessa resistência que importa tornar visível na próxima seção.

²³ Para maiores detalhes ver MEDEIROS, M. 2018.

²⁴<https://tribunadaimpressalivre.com/tcu-ve-falta-de-diretrizes-claras-em-aco-es-do-governo-contra-covid-19/>. Acessado em Junho/2020.

CONSTRUINDO SAÍDAS: A Resistência decolonial das mulheres de Rio das Pedras na linha de frente da Covid-19 -19.

As experiências retratadas nesta última seção, em torno da centralidade das mulheres da favela de Rio das Pedras no enfrentamento da Covid-19, indica que a ação política das mulheres na cidade materializa uma disputa que é historicamente complexificada por dois polos que transitam em torno da perspectiva da desigualdade de gênero e da desigualdade urbana engendrada pela modernidade colonial.

Diante desse quadro estruturante das relações sociais no Brasil, e em especial no Rio de Janeiro, cabem as seguintes perguntas; E se fossem as favelas a disseminar o novo Coronavírus para as demais regiões da cidade? O quão significativo foi, a primeira morte confirmada no Rio de Janeiro ter ocorrido com uma mulher, negra e trabalhadora doméstica em umas das áreas mais valorizadas da cidade? Essa é a dramaticidade da pandemia. A expansão e aumento dos contágios agudizam as tensões sociais. E a progressão radical da Covid-19 que alcançou extensão rápida e letal das áreas privilegiadas da cidade, para as áreas populares se tornou o prelúdio de uma corrida pela vida travada nas favelas cariocas.

Compreende-se neste sentido, que evidenciar as respostas coletivas oferecidas pelas mulheres de Rio das Pedras e das demais favelas e periferias de todo Brasil, na atual conjuntura, envolve colocar em perspectiva a dimensão de gênero nos esforços que devem ser delineados para ascensão de políticas públicas que efetivamente atendam as demandas populares, (em especial dos moradores de favelas), assim como promovam subsídios para uma nova sociabilidade como forma de superação da crise instaurada pelo novo Coronavírus.

Sendo assim, a partir da experiência local de Rio das Pedras, será apresentado as narrativas de três moradoras sobre suas experiências na linha de frente no enfrentamento da pandemia, que serão identificadas no decorrer do texto como Moradora 1, Moradora 2 e Moradora 3. As narrativas dessas mulheres se expressam como práticas de resistência decoloniais e políticas. São repertórios de agenciamento, potencializados a partir do associativismo de dimensão horizontal e solidária.

De acordo com amostra preliminar do IBGE referente ao ano de 2019 a partir do cruzamento de dados do Ministério da Saúde, a favela de Rio das Pedras é a segunda maior do país, o que corrobora com o censo realizado no ano de 2010 pelo referido instituto, responsável por indicar o número de 63.482 moradores na região, sinalizando inclusive, uma crescente populacional. Já os dados mais recentes dos mapeamentos autônomos realizados por lideranças comunitárias locais, estimam o número de 180 mil habitantes. Essa densidade demográfica explicita indicativos necessários para a avaliação e reconhecimento das necessidades locais, mas de todo modo, em primeiro momento, apenas nos permite está diante de conjecturas que não comportam uma tradução homogênea da realidade social, dada a presença de múltiplos fatores sociais e econômicos dispostos em um único território. Por isso, as ações comunitárias que organizam a vida cotidiana e as necessidades locais são fundamentais em qualquer tipo de análise da realidade social urbana.

A favela de Rio das Pedras pode ser dividida em duas partes: uma área norte mais consolidada e uma área sul com infraestrutura mais recente, e por consequência mais precária. Para as moradoras entrevistadas, as principais divisões dentro de Rio das Pedras são as “sub-comunidades” conhecidas como Areal 1, Areal 2, Areinha, Casinhas, Pinheiro, Pantanal, Vila Carangueijo, Rua das Flores, Rio Novo e Pantanal. As ruas principais são a Rua Nova, Rua Velha e Engenheiro. É uma favela de história marcada por muitas nuances políticas caracterizadas por resistência e descasos do poder público. Da mesma forma, é um dos centros, como mencionado anteriormente, da atuação das milícias. Inclusive, cabe destacar, que esse assunto não foi abordado nas entrevistas, por motivos de segurança, considerando tanto as colaboradoras, quanto a posição da autora desse artigo, enquanto pesquisadora e moradora da região. Sem entrar nesses meandros, é possível identificar que as formas de atuação das lideranças são direta ou indiretamente mediadas e limitadas pela atuação da milícia no local.

As mulheres que conformam os sujeitos privilegiados de investigação desta pesquisa são moradoras antigas. E o que também é antigo é a centralidade experienciada por elas em Rio das Pedras na promoção de ações vinculadas a um projeto societário justo e igualitário. Considerando essa questão, a Moradora 1 responsável pelo Projeto Social Semeando o amor nos conta o seguinte;

Eu costumo dizer que eu trabalho para o povo que precisa. A gente trabalha aqui para povo que precisa mais, e que ficam no final da comunidade. Muita gente não olha aqui pra esse povo do final da comunidade e a gente tá aqui desde 2002 fazendo o nosso trabalho de formiguinha sem parar um sábado se quer, faça chuva ou faça sol à gente tá aqui. Então é isso, com a Covid 19 aumentou tudo e a gente tá aqui na frente batalhando ganhando recebendo as doações de loja e passando para as pessoas tudo que a gente recebe. E a gente não trabalha só na pandemia a gente trabalha desde 2002 são muitos anos de trabalho e graças a Deus a gente está dando conta de tudo isso. (Moradora 1 - Entrevista concedida em jun. 2020 /Rio das Pedras - RJ).

Assim como a moradora 1, as outras duas atuam em projetos sociais de base comunitária e são centrais para o processo de trabalho desenvolvido por tais organizações. A primeira entrevistada é responsável pelo projeto social de distribuição de cestas básicas desde 2002, chamado “SEMEANDO O AMOR” enquanto que a segunda é Fundadora e Coordenadora da Organização Não Governamental “SOCIALBIT” que trabalha há três anos com consultoria na área de empreendedorismo para os comerciantes locais, além de oferecer cursos nesta temática. A terceira entrevistada é integrante e reconhecida como porta voz da Comissão de Moradores de Rio das Pedras. A referida comissão foi formada em 2017 no contexto de luta contra a ameaça de remoção engendrada pela gestão do atual prefeito da cidade Marcelo Crivella (Partido Republicanos) a partir do plano de verticalização para a região²⁵. A referida comissão lançou a campanha “JUNTO SOMOS MAIS FORTES” nos veículos de mídias comunitários na ocasião, e mesmo após a superação da ameaça de remoção a campanha prosseguiu, se consolidando e realizando diversas ações em Rio das Pedras. Mobilizam junto com parlamentares, movimentos sociais, coletivos e demais apoiadores à conscientização dos moradores em torno do direito à moradia.

São movimentos que colocam as mulheres no centro como protagonistas de ações autogestadas, proeminentes de saberes orgânicos articulados de acordo com a realidade cotidiana e favelada. De acordo com o mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015), este saber resulta do acúmulo de conhecimentos empíricos transmitidos de geração em geração, um saber da prática. E, portanto, um saber

²⁵ Para maiores detalhes, a respeito do plano de verticalização da Prefeitura do Rio de Janeiro para Rio das Pedras. <https://rioonwatch.org.br/?p=29266>. Acessado em Junho/2020.

horizontal e decolonial que converte narrativas e práticas cotidianas em resistências políticas nas favelas cariocas, sendo acionada na atual conjuntura como estratégia questão urgente de sobrevivência em tempos de Covid-19.

As ações dessas três mulheres partem dos desafios observados, que em certa medida são comuns as demais regiões em situação de desigualdade social do Sul global. De acordo com Lugones (2014) fazem parte do repertório que recusa os desígnios globais de desumanização. A Moradora 2 Fundadora e Coordenadora da ONG “SOCIALBIT”, destaca a radicalidade da consequência da pandemia em Rio das Pedras, e a necessidade de respostas que essa condição tem exigido pela sobrevivência da população favelada.

Ainda avalio que o maior desafio é a questão da fome. A pandemia deixou muitas pessoas sem renda, muitas pessoas não tiveram acesso ao auxílio emergencial. Então aqui em Rio das Pedras a gente se depara com diversas situações emergenciais, pessoas há dois dias sem comer, mães que estão com crianças em casa se alimentando apenas de farinha de biscoito de arroz o dia inteiro. A gente escuta relatos aqui o dia inteiro e vê que essa questão da fome não foi sanada. São pessoas que trabalhavam, pessoas que tinham sua renda, pessoas que conseguiam manter seu aluguel e manter sua alimentação e hoje não conseguem o que é bastante triste. E eu venho lidando com diversas questões no dia a dia e eu vejo que a fome é uma das mais emergenciais, que a gente não consegue dar conta sozinha se não houver atuação do poder público. (Moradora 2 - Entrevista concedida em jun. 2020 /Rio das Pedras - RJ).

Outro ponto em comum foi à dificuldade em relação à adesão consciente das medidas de prevenção, e de contenção da proliferação do novo Coronavírus. A Moradora 1 pontua a questão da seguinte maneira;

Em minha opinião o que eu vejo na parte onde eu mais convivo que é o Areal 1, o maior desafio no Rio das Pedras é conscientizar as pessoas pra que elas possam evitar aglomerações porque a aglomeração é demais e as pessoas parecem que não acreditam que existe uma pandemia, uma doença invisível. Então eu acho que isso é um desafio, pra essa comunidade e pra gente vencer né. Conscientizando as pessoas pra que elas possam evitar ao máximo sair de casa e eu acho que esse é um desafio muito grande pra essa comunidade. Eu vejo eu vivo aqui, vejo bares lotados, lojas lotadas, é como se não existisse a doença, não existe a Covid - 19 e isso é muito perigoso pra todo mundo. (Moradora 1 - Entrevista concedida em jun. 2020 /Rio das Pedras - RJ).

A partir disso, fomentam ações para o enfrentamento dessa situação. A Moradora 2 descreve que a comunicação tem sido umas das maiores preocupações, ao mesmo tempo, que tem demandado respostas criativas visando acessar o maior número de pessoas possíveis.

O trabalho que a gente vem desenvolvendo aqui, primeiramente é na parte de comunicação junto com o portal RP. Produzimos vídeos com lideranças locais orientando as pessoas sobre a importância do isolamento, de ficar em casa e do distanciamento social. A gente produz orientações nas redes sociais e enviamos também por lista de transmissão no whatsapp. A gente tenta se comunicar com a comunidade através de imagem e de figuras. Além disso, em parceria com universitários, e demais apoiadores, colocamos em circulação em Rio das Pedras e nas outras favelas do Itanhangá, um carro de som com avisos educativos sobre a prevenção de forma acessível, considerando a realidade da comunidade. Nessa mesma ação, a gente fez uma paródia que introduzia a chamada com uma música no ritmo de forró fazendo alusão à cultura nordestina para facilitar a comunicação com os moradores, já que Rio das Pedras é formado por muitos nordestinos. (Moradora 2 - Entrevista concedida em jun. 2020 /Rio das Pedras - RJ).

As estratégias adotadas em Rio das Pedras dialogam com o que tem sido feito em outras favelas do Rio de Janeiro, por uma similaridade contextualizada pelas lógicas locais apesar de não abdicarem das especificidades tradicionais de cada uma. No entanto, enunciar o lócus visibiliza de maneira objetiva a potencialidade e importância das respostas coletivas acionada nas favelas. A Moradora 3, integrante da Comissão de Moradores idealizou uma ação para instalação de postos de higienização nas áreas mais críticas da região. Um processo básico e fundamental para a prevenção do novo Coronavírus, mas que se coloca como lacuna profunda, responsável por consequências decisivas aos moradores de favela no quadro da nova sociabilidade demandada pela crise sanitária. Além da instalação desses postos de higienização, as três experiências anunciadas, focaram no trabalho de comunicação, doações de alimentos, kits de higiene, de álcool em gel, de máscaras de tecido entre outros. A Moradora 1 descreve que o trabalho aumentou depois da pandemia, no entanto, observa que atender as demandas locais seguindo o fluxo regular do seu trabalho permanece como prioridade.

A gente não guarda a gente doa. O que chega aqui é pra ser doado pra quem precisa. Nosso lema é esse, aqui não pode se

guardar nada. Além dos alimentos não perecíveis, também doamos legumes, frutas e verduras, pois temos uma parceria com o sacolão. Eles mandam uma Kombi lotada de legumes verduras e frutas, é a gente arruma nas sacolas e fazemos a distribuição. Temos um grupo de 10 voluntárias mulheres que se divide em equipe de 5 voluntárias pra cada sábado pra não ficar pesado pra ninguém, porque tem que puxar caixa, depois limpar arrumar e organizar tudo. Então é assim que a gente trabalha aqui. O tipo de trabalho da luta contra a Covid aumentou o volume de cestas básicas e uma demanda maior de pessoas procurando por cestas básicas. Aqui é um ponto onde as pessoas já estão acostumadas a receberem ajuda, então as pessoas que não tem nada correm aqui para pedir ajuda da gente. (Moradora 1 - Entrevista concedida em jun. 2020 /Rio das Pedras - RJ).

Elencar esses ditames sociais sob a perspectiva das mulheres de Rio de Pedras corresponde à convocação proposta pela resistência decolonial. O Feminismo Decolonial nos convida a mapear os silêncios e as aspirações que a narrativa dominante não permite pronunciar. As mulheres faveladas tradicionalmente marginalizadas são na verdade como faróis que apontam para um cotidiano de produção de saberes e resistência comunitária. (Chueca, 2019). As experiências das mulheres de Rio das Pedras expressam claramente que há uma expressão decolonial impulsionada por práticas que são determinadas pelo o que resolvi caracterizar como solidariedade horizontal carregada de intencionalidade política. Assim como, Eduardo Galeano, que destingiu em sua crítica a solidariedade horizontal, da noção de caridade vertical esvaziada da concepção que parte do reconhecimento do outro como igual. São estas as referências que conformam o horizonte das práticas das mulheres em Rio das Pedras.

Um está ajudando o outro, a solidariedade tomou conta das pessoas. Têm muitas pessoas que estão se juntando, grupos de amigo e sabe que a gente faz um trabalho muito sério, então as pessoas vem aqui também pra distribuir, e a gente tenta alcançar mais pessoas na comunidade que não tenham conseguido pegar cestas em algum outro lugar, a gente corre atrás, as nossas voluntárias vão às casas fizemos entregas nas casas de carrinho de mão pra quem não pode sair. (Moradora 3 - Entrevista concedida em jun. 2020 /Rio das Pedras - RJ).

Eu confesso que fiquei muito cansada. Esses dias exigiu muita energia muita disposição disponibilidade e de estar à frente disso tudo atuando desde a captação de recurso entrega mapeamento e atendimento das famílias isso traz um desgaste físico e emocional muito grande e conseqüentemente numa determinada semana a gente fica mesmo desanimado

querendo já ir parando porque você não consegue mais dar conta, mas a rede que construímos uma rede de apoio de pessoas solidárias que também acabam se aproximando das nossas ações puderam dar um pouquinho de gás um pouquinho de energia mesmo de longe. Muitas pessoas não estavam aqui atuando no dia a dia e de longe puderam ajudar da maneira que dava. Geralmente com uma ajuda financeira para comprar alimentos para comprar kit de limpeza e muitas das vezes uma palavra uma mensagem de carinho e de força pra gente continuar com esse trabalho que é tão necessário nesse momento de pandemia. (Moradora 2 - Entrevista concedida em jun. 2020 /Rio das Pedras - RJ).

São ações carregadas de intencionalidade política, que embora nem sempre reconhecidas por serem protagonizadas por mulheres faveladas, são essenciais para a manutenção da sobrevivência que está lançada como necessidade potencializada pela pandemia. É o sentido da resistência decolonial que compreende a importância do dia a dia das mulheres faveladas enquanto sujeitas políticas empreendedoras de um agenciamento menos visível dada às condições perpetradas pela colonialidade de gênero, mais igualmente importante, afinal o ativismo não se limita aos espaços políticos tradicionais. (Collins, 2019).

Referenciar a luta das mulheres faveladas como prática decolonial consiste em problematizar a experiência feminina na cidade de forma distinta, sem nomear recortes. Afinal, a relativização das demandas femininas não é reproduzida sob uma única medida, uma vez que a precarização dos direitos potencializados no contexto da pandemia formula inferências objetivas para as mulheres que são pobres, periféricas, faveladas e muitas vezes negras. Sendo assim, o que interessa é evidenciar que a organização social racializada necessita que a epistemologia feminista reivindique seu lugar na construção de um pensamento que acompanhe e reconheça o movimento da sociedade em sua totalidade (Oliveira, 2018).

Lançar a perspectiva das mulheres em conjunturas tidas como decisivas para a construção de realidades futuras é necessariamente incluir novos paradigmas de cunho social, político e cultural nessa construção. Ecoar os lugares não pronunciados, como forma de desestabilizar lógicas hegemônicas socialmente construídas é elemento fundamental para o aprofundamento das políticas públicas, e desenvolvimento de uma consciência efetivamente crítica. Sobre esse aspecto as mulheres de Rio das Pedras reconhecem que no curso da luta já é possível

reconhecer legado, pois acreditam que ao final desse contexto as redes de mulheres estabelecidas sairão ainda mais engajadas e fortalecidas.

Eu vejo que as mulheres de Rio das Pedras, vêm sendo encorajadas ao longo do tempo. Acredito que o acesso a pautas sobre participação e protagonismo feminino tem despertado o desejo de ir além do que foi imposto. Eu atendo diversas mulheres empreendedoras e quando sento para uma consultoria, e mostro que elas podem gerenciar com excelência seu próprio negócio, percebo que o problema está na informação que não chega a uma linguagem que possa ser compreendida. As mulheres de Rio das Pedras são criativas e muito corajosas. Basta mostrar ferramentas, intitular o pensamento crítico e dar acesso à informação de qualidade. (Moradora 2 - Entrevista concedida em jun. 2020 /Rio das Pedras - RJ).

É possível conceber que respostas coletivas oferecidas pelas mulheres guardam relação com a necessidade de lutar, diante das ausências funcionais experienciadas na realidade convencionada como exclusiva para as não mulheres, ou seja, que estão à margem a partir de uma concepção racializada e colonial predominante na cidade. Resumidamente, o que foi reconhecido e apontado até aqui são inúmeras ações que convergem no sentido de proteção das pessoas, de seus locais de moradia, e de tudo que é fundamental a existência como forma de mitigar o cenário de extermínio à vista, incluindo mobilizações que estruturam requisições políticas. São esses os caminhos que atravessam os domínios da vida cotidiana e se encontram presente nas relações variadas.

Considerações finais

O horizonte proposto pelo Feminismo Decolonial revela a importância da incorporação da perspectiva de gênero nas respostas que estamos buscando oferecer nesse contexto de crise sanitária. A pandemia escancarou a complexidade das tensões sociais tanto para as favelas, como para as mulheres, e a experiência de Rio das Pedras elucidou esse processo. No entanto, com base em uma crítica qualificada, esvaziada da romantização das ações de resistência feminina nas favelas cariocas, e contribuindo com o esforço dialético de desconstrução da associação natural das mulheres ao trabalho de cuidado, doméstico, e privado, o que interessa apontar nestas considerações finais é que assim como em outros

momentos da história, a pandemia se conforma como um indicativo social revelador de reações femininas políticas e decoloniais que são centrais para a formulação das políticas públicas.

A discussão proposta a respeito da pandemia do novo Coronavírus na vida das mulheres implica denunciar as velhas clivagens entre raça e gênero, mas também implica reconhecer experiências não pronunciadas e silenciadas pela modernidade colonial, e que no cotidiano produzem resistências com potencial de emancipação social. Ocorre nesse movimento de mulheres faveladas, a recusa de assistir com passividade as consequências provocadas pela pandemia na vida das pessoas com quem dividem a luta pelo direito de produção do espaço urbano no contexto favelado, como espaços legítimos de se viver e morar. Sem dúvida estamos diante de um dos fundamentais esteios desta crise, dimensionados por mulheres faveladas que protagonizam ações carregadas de intencionalidade política, resistência decolonial e solidariedade horizontal.

Referências Bibliográficas

ARAUJO. M. B. *A Resistência é feminina: O protagonismo das mulheres no controle social da Política Urbana destinada às favelas cariocas a partir da experiência do Conselho Popular*. Rio de Janeiro 2019. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.

BARBOSA, Jorge Luiz. *Habitação popular, território e regularização fundiária na cidade do Rio de Janeiro*. In GOMES, Maria De Fatima Cabral Marques; MAIA, Rosemeres Santos; CARDOSO, Isabel Cristina Da Costa; DE FRANÇA, Bruno Alves (Org.). *Renovação urbana, mercantilização de cidade e desigualdades socioespaciais*. Rio de Janeiro : Mauad X, 73-84. 2013.

BENMERGUI, Leandro e GONÇALVES, Rafael Soares, *Urbanismo Miliciano* in Rio de Janeiro, NACLA Report on the Americas, v. 51, nº4, 2019, p.379-385.

COELHO, Franklin Dias. *História Urbana e Movimentos Sociais: O movimento de reforma urbana (1950 - 1990)*. Rio de Janeiro 1996. Tese de Doutorado, UFF.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought*. 2 edição. Nova Iorque: Routledge. 2009.

CURIEL, Ochy. *Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial*. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda. 1º Ed. Rio de Janeiro, 121 - 138. 2020.

CHUECA, Eva Garcia. *O Direito à cidade perante as epistemologias do Sul: reflexões sobre o processo brasileiro de construção do direito à cidade*. O pluralismo dos direitos humanos. A diversidade das lutas pela dignidade/ Boaventura de Sousa Santos, Bruno Sena Martins (organizadores). 1º ed - Belo Horizonte, 397 - 417. 2019.

GONÇALVES, R.; AMOROSO, M. *A centralidade da UTF na reconstrução da memória dos movimentos associativos de moradores nas Favelas cariocas*. XIV Encontro Nacional de história oral. 2012.

GRAHAM, R. (1997). *Clientelismo e política no Brasil do séc. XIX*. Rio de Janeiro:Ed. UFRJ.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: direito à cidade à revolução urbana*. David Harvey - São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2014.

HARVEY, David. *Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio*. São Paulo, Espaço e Debates, nº 39, 1996, p. 48-64.

KERGOAT, Danièle. *Division sexuelle du travail et rapports sociaux de sexe*. In HIRATA, Helena, LABORIE, Françoise, LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Org.). Dictionnaire critique du féminisme. Paris : Presses universitaires de France: 35-44. 2000.

LEFEBVRE, H., *O direito à cidade*. Henri Lefebvre - São Paulo: Ed. Centauro, 2001. Coelho (1996).

LUGONES, María. 2014. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, 22, 3, 935-952. 2014.

MARICATO, E. *A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana. Brasil em jogo. O que fica da copa e das olimpíadas?* / Andrew Jennings; Raquel Rolnik; Antonio Lassance (org). 1º Ed. - São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2014.

MATOS, Marlise. *Pandemia Covid-19 e as mulheres*. Boletim Nº 11 - Cientistas Sociais e o coronavírus - ABCP. Rio de Janeiro, 2020.

MEDEIROS, M. *O protagonismo feminino na luta contra as remoções do Rio de Janeiro*. /organizadores, Giselle Tanaka. - 1ed. - Rio de Janeiro. Letras Capital, 2018.

MELO, Hildete Pereira. *A vida das mulheres em tempos de pandemia*. Nexa Ensaio - Rio de Janeiro, 2020.

NOGUEIRA, O. *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil*. Tempo Social, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

OLIVEIRA, A. L. de. *Mulheres e ação política: lutas feministas pelo direito à cidade*. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 19, n40, 2018.

QUIJANO, A. *Colonialidade de poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires - CLACSO, Conselho Latino Americano de Ciências Sociais, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classe :mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular. 2013 [1969].

SALVADOR, A. C. GONÇALVES, R.S. BASTOS, V.P. *A crise provocada pela COVID-19: antigos problemas em um novo cenário*. Para além da quarentena: Reflexões sobre crise e pandemia. Ana Lole, Inez Stampa, Rodrigo Lima R. Gomes (organizadores). 1º Ed. Rio de Janeiro. 1146 - 156, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. UNB. 2015.

TORRES, Nelson Maldonado. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 1ed - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

VERGÉS. FRANCOISE. *Um feminismo decolonial*/ Françoise Vergès; traduzido por Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo. Título original: *Um féminisme décolonial*. São Paulo: Ubu, Editora, 2020.